

ORELHA LIVRO RONALDO LOBÃO

Roberto Kant de Lima (UFF)*

O que a imagem bucólica que enfeita muitas paisagens e pinturas marinhas, as quais retratam pescadores de beira de praia, com suas canoas e jangadas, tem a ver com questões de alta complexidade tecnológica e sociológica, presentes no discurso ambientalista contemporâneo?

Essa categoria de pescadores sempre teve sua identidade relegada aos planos mais inferiores das categorias profissionais, embora o produto de sua atividade sempre tenha sido de alta relevância para a alimentação física e simbólica de importantes segmentos da sociedade brasileira, estes situados em diferentes camadas da estrutura social. Entretanto, como se não bastasse, além dos conflitos com especuladores imobiliários, empresários de turismo, Marinha de Guerra, além de outros predadores e poluidores dos recursos que lhes propiciam a reprodução econômica, política e social, defrontam-se, contemporaneamente, com mais um tipo de adversário, surpreendentemente surgido de sinceras e louváveis intenções de preservação do Meio Ambiente.

Em função de, às vezes controvertidas, o mais das vezes, distorcidas, interpretações do que sejam as causas do declínio aparente dos recursos pesqueiros, as comunidades de pescadores têm seu saber naturalístico, expresso concretamente em suas embarcações, apetrechos e artes de pesca, rotulados aprioristicamente como “predatórios” dos recursos que exploram, em que pese sua eficiência secularmente comprovada de conservá-los, reproduzindo social e economicamente os grupos que os exploram e aqueles que vivem em seu entorno.

Políticas públicas de criação de Reservas Extrativistas Marinhas - inspiradas nas Reservas Extrativistas Terrestres da Amazônia, que tornaram internacionalmente conhecido Chico Mendes – foram desenhadas para garantir a preservação histórica, social e cultural desses grupos. Visam valorizar e garantir a reprodução de sua memória ecológica, crítica para conhecer as regularidades, irregularidades e comportamentos cíclicos das populações naturais a serem capturadas, de outra forma dificilmente acessível, mas são também acusadas de serem atentatórias aos princípios de universalidade de acesso aos recursos do Mar que, supostamente, por ser um bem comum, está livre para ser explorado a sua exaustão por um mercado cuja avidez e não tem limites.

Assim, “entre o penhasco e o mar”, como dizem eles, esses verdadeiros “mariscos”, são pressionados de todos os lados, por uma série inesgotável de discursos, agora muitas vezes coloridos com os matizes do politicamente correto e que, na prática, dissociam sua posição no mundo contemporâneo de seu, aparentemente, tão valorizado bucolismo, por essa mesma cultura urbano-industrial: trata-se de uma espécie de bucolismo mágico, a serviço do mercado de representações idílicas e desvinculadas dos grupos que as produziram.

Roberto Kant de Lima

Coordenador do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos - InEAC/Proppi/UFF – INCT/CNPq/FAPERJ www.proppi.uff.br/ineac